



USO DE MEDICAMENTOS E SUA ASSOCIAÇÃO COM NÍVEIS DE DOR, VARIÁVEIS CLÍNICAS, SOCIODEMOGRÁFICAS DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE QUE ATUARAM EM UTIs COVID¹

Isabella Stivanin Lacerda², Daiana Zambonato³, Viviane Ferreira de Melo⁴, Christiane Colet⁵

¹ Estudo desenvolvido pelo Projeto de Pesquisa em uso de Medicamentos e Plantas Medicinais da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI)

² Estudante do curso de Graduação em Medicina da Unijui, bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica da UNIJUI - CNPQ/UNIJUI, isabella.lacerda@sou.unijui.edu.br

³ Enfermeira, Mestre em Sistemas Ambientais e Sustentabilidade, daiazambonato@hotmail.com

⁴ Nutricionista - Mestranda em Sistemas Ambientais e Sustentabilidade - Unijui, viviane.melo@sou.unijui.edu.br

⁵ Professora Orientadora, Doutora em Ciências Farmacêuticas, curso de Farmácia (UNIJUI), christiane.colet@unijui.edu.br

RESUMO

INTRODUÇÃO: A pandemia causada pelo novo coronavírus afetou diretamente a saúde mundial. Nesse cenário de enfrentamento ao COVID-19, mudanças importantes foram vivenciadas na realidade do trabalho, em especial dos profissionais de saúde atuantes em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) COVID e estas podem impactar no aumento do consumo de medicamentos. **OBJETIVO:** analisar o uso de medicamentos e sua associação com níveis de dor, variáveis clínicas, sociodemográficas dos profissionais de saúde que atuaram em UTIs COVID. **RESULTADO:** participaram do estudo 205 profissionais de saúde. Desses, 79,5% declararam ter algum tipo de dor. Em relação ao uso de medicamentos, 30,7% referem utilizar. **CONCLUSÃO:** Os dados quanto a presença de dor e variáveis associadas possibilitam propor estratégias para minimizar os danos aos profissionais. Para assim, submeter-se ao uso consciente de medicamentos para alívio dos sintomas.

INTRODUÇÃO

No final de 2019, foi identificado em Wuhan, China, um novo coronavírus humano, o coronavírus-2, responsável pela síndrome respiratória aguda grave -SARS-CoV-2. Em poucas semanas, a infecção pelo novo coronavírus de 2019 se espalhou pelo mundo. Em fevereiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou a doença de coronavírus 2019 (COVID-19) e, exatamente um mês depois, declarou a situação uma pandemia (HUANG et al., 2020). Antes do início da vacinação, dados da China sugeriam que 40% dos pacientes iriam necessitar de internação em unidade de terapia intensiva (UTI) (HUANG et al., 2020).



No Brasil, o elevado número de pessoas afetadas pela COVID-19 exigiu que os estabelecimentos de saúde desenvolvessem estratégias dinâmicas, intensas e atualizadas para suprir a demanda dessa problemática. Além das instituições, a pandemia exigiu um número elevado de profissionais de saúde capacitados para atuar na linha de frente, expostos à pressão por produtividade e por resultados (DANTAS, 2021). Aliado a isso, estão submetidos a um alto nível de estresse físico e psicológico, relacionado às longas jornadas de trabalho, bem como condições de trabalho inadequadas, muitas vezes sem os materiais e equipamentos necessários para atender à demanda do paciente gravemente enfermo (TEIXEIRA et al., 2020). Acrescentando-se, o contato direto com indivíduos contaminados, gerou angústias e medo da contaminação aos profissionais de saúde, bem como, risco de exposição e transmissão do vírus aos seus familiares (LUZ et al., 2020).

A exposição dos profissionais de saúde foi mais complexa nas Unidades de Terapia Intensiva COVID, cujos pacientes internados apresentavam quadros graves, sem saber ao certo quais são as possibilidades de cura ou se haveria tratamento efetivo, somado a isso, observou-se um limite de vagas de leitos de UTI, bem como de equipamentos, gerando nesses profissionais os mais variados tipos de sentimentos negativos, que acarretou em afastamento do trabalho, esgotamento físico e mental e um risco maior de adoecimento (COSTA, 2020).

Ao mesmo tempo, evidências científicas têm revelado a percepção de estresse entre os profissionais está intimamente relacionada à Síndrome de Burnout, relatando um maior nível de exaustão física e emocional (PIMBLE, 2016), situação agravada neste período pandêmico (LOPES et al., 2021). Além disso, foram observados nestes profissionais altos níveis de exaustão, irritabilidade e insônia, empatia reduzida, declínio nas funções cognitivas e no desempenho no trabalho, diminuição do apetite ou indigestão, nervosismo, choro frequente e pensamentos suicidas (SHEN, et al, 2020), sendo o estresse e a ansiedade considerados os principais distúrbios psicológicos relatados durante o período (BADARÓ; FONSECA; SANTOS, 2021).

Como consequência a todos os impactos supracitados da pandemia da COVID-19, a literatura cita aumento do risco de dependência a curto e médio prazo, de álcool, drogas e medicamentos (MARTÍNEZ-LÓPEZ, et al, 2020). Os efeitos deletérios do estresse nos vícios



foram também demonstrados (KOOB, ; SCHULKIN, 2019), principalmente entre os profissionais da linha de frente devido ao acesso mais fácil aos medicamentos, principalmente as psicotrópicas (aumento do risco de uso de opiáceos/benzodiazepinas/hipnóticos) (BRANSI, et al., 2020). A automedicação está associada a riscos que podem predispor ao aumento da morbimortalidade por diagnóstico errado, atraso na busca de orientação e tratamento médico apropriado (VAYR, Flora et al.,2019).

Durante o processo de construção desse estudo não foram encontrados estudos multicêntricos e multiprofissionais que analisassem a dor e uso de medicamentos em trabalhadores de Unidades Intensivistas COVID. Considerando a lacuna de conhecimento existente, este estudo busca analisar o uso de medicamentos e sua associação com níveis de dor, associado a variáveis clínicas, sociodemográficas e o uso de medicamentos dos profissionais de saúde que atuaram em UTIs COVID-19.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, analítico, quantitativo e multicêntrico, que foi realizado nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) hospitalares, das cidades da região Missioneira do Rio Grande do Sul, composta por 46 municípios. Foram escolhidos aqueles que possuem hospital geral de médio e grande porte, e que apresentam UTIs, sendo eles: Ijuí, Santa Rosa, Santo Ângelo, Três de Maio e São Borja.

Os participantes convidados foram todos os profissionais de saúde atuantes nas Unidades de Terapia Intensiva, sendo eles: médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, fisioterapeutas e nutricionistas. Os critérios de inclusão eram ser profissional da saúde, atuar ou ter atuado em UTI durante a pandemia de COVID-19 na assistência direta ao usuário. Também, aceitar participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). E os critérios de exclusão do estudo foram aqueles que não aceitaram participar da pesquisa, ou os que no decorrer da coleta estavam afastados e/ou não assinaram o TCLE.

O período da coleta de dados ocorreu de julho de 2021 a fevereiro de 2022. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário sociodemográfico, laboral e clínico, desenvolvido pela pesquisadora, este inclui questões sobre a caracterização sociodemográfica



dos participantes, trabalho e condições de saúde, contabilizando um total de 27 perguntas relacionadas aos dados pessoais, trabalho, saúde, atividades físicas e lazer, durante a pandemia de COVID-19.

Para avaliar a dor, utilizou-se a escala visual numérica, que avaliou a intensidade da dor. Trata-se de um instrumento simples, entretanto eficaz, com enumeração de 0 a 10, no qual 0 representa “sem dor” e 10 “dor máxima”. O autor classifica os níveis de dor seguindo os seguintes escores: sem dor, 0; dor leve, de 1 a 4; dor moderada, de 5 a 6; e dor intensa, de 7 a 10 (NASCIMENTO, 2017).

A coleta de dados foi operacionalizada após aprovação do projeto de pesquisa pelas instituições de pesquisa e, aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unijuí (CEP). O projeto foi aprovado pela CONEP - CAAE Nº 30792920.5.1001.5350. Foi enviado o link de acesso ao questionário online através do Google Forms, sendo possível o participante responder em horário e local que considerava mais oportuno. O questionário foi enviado via e-mail ou whats app, conforme o meio de contato que o participante disponibilizou para o envio.

Os dados da pesquisa, inicialmente, foram inseridos em um banco de dados, com dupla digitação independente, no Microsoft Office Excel. Após verificar possíveis erros e/ou inconsistências, e excluídas respostas duplicadas, o mesmo foi corrigido. Para a caracterização dos dados foi utilizada a estatística descritiva. As variáveis qualitativas foram descritas por meio de frequência absoluta e relativa. As variáveis quantitativas por meio média e desvio padrão, conforme distribuição da normalidade dos dados (teste de Kolmogorov- Smirnov).

RESULTADOS

Foram incluídos na pesquisa 205 profissionais de saúde atuantes em Unidades de Terapia Intensiva Covid, representando 77,3% da população elegível para o estudo, os demais foram excluídos por não responderem aos contatos realizados pelos pesquisadores. Dentre estes, 157 (76,6%) são do sexo feminino. A faixa etária para idade predominante está entre os 18 a 30 anos 95 (46,3%). Em relação ao estado civil, 105 (51,2%) declararam ter companheiros e 108



(52,7%) têm filhos. A categoria profissional mais frequente foi técnico em enfermagem (73), e observa-se que entre os enfermeiros, 9% ocupavam o cargo de coordenador; 86% funções assistenciais e 5% eram gerentes de enfermagem.

Ao verificar as variáveis relacionadas aos hábitos de saúde, na Tabela 1, do total da amostra, 63 (30,7%) dos participantes referem fazer uso de medicamentos, destes 84,1% fazem uso de medicamentos contínuos, sendo as para hipertensão arterial (49,1%) com uso mais frequente. Em segundo lugar (43,4%), estão os medicamentos antidepressivos/ansiolíticos. Além disso, 30,2% relatam fazer uso de produtos farmacêuticos sem prescrição médica, em que analgésicos e relaxantes musculares são as classes mais utilizadas para automedicação. Também, no estudo foi avaliado o hábito de fumar em que apenas 3,9% expõem fazer uso, entretanto em relação ao uso de bebidas alcoólicas 71,2% citam consumir. Dados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Hábitos de vida e saúde de profissionais de saúde (n = 205) que atuam em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) COVID em seis hospitais, RS, Brasil, 2021/2022.

Variáveis	Classe	n	%
Uso de medicamentos	Sim	63	30,7
	Não	142	69,3
Medicamentos de uso contínuo	Sim	53	84,1
	Não	10	15,9
Automedicação	Sim	19	30,2
	Não	44	69,8
Tabagismo	Sim	8	3,9
	Não	197	96,1
Consumo de bebidas alcoólicas	Sim	146	71,2
	Não	59	28,8

Fonte: Própria do autor (2023).

No que se refere a intensidade da dor, na amostra total (n=205) segundo escala visual analógica, observou-se média de 3,76 (desvio padrão 2,77), sendo que 35,60% avaliaram sua dor como leve, 21,46% referiram dor moderada e 22,43% dor intensa e 20,48% declararam não apresentar dor.

Considerando a relação entre a intensidade da dor e uso de medicamentos, associadas as características sociodemográficas e laborais, verificou-se o uso de medicamentos foi mais



frequente no sexo feminino (76,2%), que também declarou apresentar dor intensa (41,6%). observou-se que entre aqueles que apresentavam idade na faixa 18 a 30 anos e faziam uso de medicamentos houve predomínio de dor moderada (37,9%). Em relação a categoria profissional também foi observado uma maior prevalência de enfermeiros(a) que utilizam medicamentos (36,5%) e os técnicos de enfermagem são os que têm maior intensidade de dor.

Aqueles que não possuem tempo de lazer apresentaram mais dor intensa (35,1%). As variáveis não realizar atividade física e ter algum problema de saúde elevaram a busca por tratamento medicamentoso e relato de maior intensidade de dor, por outro lado o estado civil não apresentou diferenças relevantes, tais dados estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Avaliação da intensidade da dor de profissional de saúde que fazem uso de medicamentos (n = 63) que atuam em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) COVID em seis hospitais, RS, Brasil, 2021/2022

Características		Avaliação da dor n (%)				
		n (%)	Sem dor	Dor leve	Dor moderada	Dor intensa
Sexo	Feminino	48 (76,2)	7 (14,6)	14 (29,2)	7 (14,6)	20 (41,6)
	Marculino	15 (23,8)	2 (13,4)	3 (20)	9 (60)	1 (6,6)
Idade	18 a 30 anos	29 (46,0)	6 (20,7)	11 (37,9)	7 (24,2)	5 (17,2)
	31 a 40 anos	18 (28,6)	2 (11,1)	4 (22,3)	5 (27,7)	7 (38,9)
	> 40 anos	16 (25,4)	1 (6,3)	2 (12,5)	4 (25)	9 (56,2)
Estado Civil	Com companheiro	32 (50,8)	5 (15,6)	9 (28,1)	7 (21,9)	11 (34,4)
	Sem companheiro	31 (49,2)	4 (12,9)	8 (25,8)	9 (29,1)	10 (32,2)
Categoria	Enfermeiro (a)	23 (36,5)	6 (26,1)	4 (17,4)	4 (17,4)	9 (39,1)
	Fisioterapeuta	8 (12,7)	0 (0)	4 (50)	2 (25)	2 (25)
	Médico (a)	11 (17,5)	1 (9,05)	3 (27,3)	6 (54,6)	1 (9,05)
	Técnico (a) enf.	21 (33,3)	2 (9,5)	6 (28,6)	4 (19)	9 (42,9)
Atividade física	Sim	21 (33,4)	4 (19,1)	8 (38,2)	5 (23,6)	4 (19,1)
	Não	42 (66,6)	5 (11,9)	9 (21,5)	11 (26,2)	17 (40,4)
Possui tempo de lazer	Sim	26 (41,3)	3 (11,5)	9 (34,6)	6 (23)	8 (30,9)
	Não	37 (58,7)	6 (16,2)	8 (21,6)	10 (27,1)	13 (35,1)
Possui algum problema de saúde	Sim	37 (58,7)	5 (13,5)	7 (19)	10 (27)	15 (40,5)
	Não	26 (41,3)	4 (15,4)	10 (38,4)	6 (23,1)	6 (23,1)

Fonte: Própria do autor (2023).



DISCUSSÃO

A atuação dos profissionais de saúde na pandemia da COVID-19 demandou uma sobrecarga de trabalho que conseqüentemente aumentou suas queixas de dor, observada no presente estudo no qual a maioria dos entrevistados declarou apresentar dor em diferentes intensidades e estas estavam relacionadas a fatores que serão melhor discutidos a seguir. Destaca-se que, da amostra total, apenas 20,48% não declararam dor. Em estudo realizado durante a pandemia da COVID-19, por Domingos et al, (2022), os autores avaliaram os sintomas dolorosos em profissionais de saúde atuantes diretamente com pacientes e identificaram que a maioria dos profissionais (95,23%) relataram algum sintoma, como dor, formigamento ou dormência em alguma região do corpo nos últimos 12 meses, e destes, a metade dos participantes necessitou de algum atendimento especializado para alívio da mesma. A dor pode estar relacionada às demandas aumentadas de cuidado ao paciente gravemente enfermo e acamado, exigindo desses profissionais um esforço físico maior do que eles estão habituados a realizar e com isso, estimula o uso de medicamentos para mitigar a problemática. Na análise dos participantes, 30,6% afirmam fazer uso de medicamentos, destes 84,1% utilizam medicamentos de uso contínuo e o principal motivo citado é a hipertensão arterial. Rocha et al. (2021) igualmente identificaram em seu estudo com profissionais de saúde contaminados por COVID-19, o aparecimento de comorbidades prévias, e dentre os 34 principais diagnósticos médicos, a hipertensão é uma das doenças mais prevalentes no Brasil. Seguido pelo uso de medicamentos antidepressivos/ansiolíticos (43,4%). Ratificando o estudo de Barros-Delben et al. (2020) que revelou que os profissionais de saúde estão propensos a desenvolver sofrimento e distúrbios psicológicos, como estresse, ansiedade, depressão e síndromes de Burnout devido às características de seu trabalho diário, necessitando recorrer a medicações.

Ao analisar os dados sobre automedicação entre os participantes 30,2% alegam fazer, com o uso principalmente de analgésicos e anti-inflamatórios, sem prescrição médica. Corroborando, uma pesquisa revelou que, para os profissionais de saúde, as circunstâncias e o ambiente em que trabalham os predispõem ao acesso a medicamentos durante sua rotina de trabalho. Embora a maioria dos profissionais de saúde possa estar ciente dos perigos decorrentes da



automedicação, a maioria deles encontra consolo nessa prática, especialmente para dores musculares, estresse, desconforto e ansiedade relacionados ao trabalho (OMOLASE et al., 2011).

Na avaliação da intensidade da dor associado ao uso de medicamentos entre os profissionais de saúde que referiram dor intensa, a maioria são do sexo feminino. Os mesmos resultados foram observados por Ajab e colaboradores que avaliaram 1.290 profissionais de saúde atuantes na linha de frente do combate a COVID-19 nos Emirados Árabes e identificaram a predominância para o sexo feminino e da enfermagem. Os mesmos autores destacam que ocorre um predomínio de mulheres na área da saúde, especialmente da enfermagem (AJAB et al., 2021) o que corroboram com os achados deste estudo. Além disso, a dor pode estar associada a função exercida pelo profissional, neste sentido, os profissionais de enfermagem, em especial os técnicos, são o grupo que apresenta maior desenvolvimento destas alterações, relacionadas às jornadas de trabalho prolongada, exposição a estressores físicos, realização de movimentos repetitivos, postura corporal inadequada e trabalho noturno, período esse que deveria ser reservado para o descanso (CUNHA et al., 2019). Não foram encontrados estudos com médicos e avaliação de dor para fins de comparação.

Em relação à idade, destaca-se a maior porcentagem de profissionais com dor intensa entre aqueles que têm mais de 40 anos. Corroborando, com o estudo de Moura et al. (2019) que aponta que as dores aumentam com a idade. Em contradição, Santos, Raposo e Melo (2021) justificam que os profissionais jovens, com capacidade produtiva para o trabalho, apresentam elevada frequência de dor musculoesquelética relacionada às suas atividades laborais, que pode causar necessidade de uso de medicamentos para alívio dos sintomas, correlacionando-se com este trabalho.

Foi identificado, no presente estudo, aqueles que referiram não ter tempo de lazer suficiente relataram dor intensa (35,1%) neste estudo, o que também foi identificado no estudo de Schultz et al. (2021). Esses dados demonstram que ter atividade de lazer melhora a qualidade de vida e diminui o estresse, ambos relacionados com a dor. A diminuição das atividades de lazer pode estar relacionada com o isolamento social na pandemia que deixou as pessoas mais



reclusas e com cargas horárias aumentadas no local de trabalho, em função do aumento de atividades pelos pacientes internados.

Este estudo também avaliou o tabagismo entre os participantes, o dado obtido foi baixo, apenas 3,9% da amostra total refere ter o hábito de fumar. Entretanto, em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, 71,2% dos profissionais de saúde dizem fazer uso do produto. Uma pesquisa desenvolvida por Jantara et al. (2022), que avaliou o isolamento social e a solidão em estudantes de enfermagem durante a pandemia, demonstrou que houve um aumento do consumo de bebidas alcoólicas pelos estudantes durante a quarentena. Além disso, Olini et al. (2022) identificaram que a prevalência de distúrbios psíquicos menores em trabalhadores de enfermagem durante a pandemia está associada ao aumento da ingestão de bebidas alcoólicas, sendo esta, uma válvula de escape para situações de dores físicas e psicológicas, corroborando com os achados deste estudo.

CONCLUSÕES

O período da pandemia por COVID-19 trouxe mudanças significativas no cenário de trabalho dos profissionais de saúde, especialmente aqueles que atuavam em UTIs, que culminou no desenvolvimento de dores físicas e psicológicas nesses profissionais, como evidenciado na presente pesquisa.

Os dados apontados no presente estudo quanto ao uso de medicamentos associadas com a presença de dor possibilitam propor estratégias para minimizar os danos aos profissionais de saúde e elaborar ações de educação em saúde pelo serviço nos quais estes atuam. Os profissionais de saúde devem estar cientes dos riscos relacionados ao trabalho que exercem, buscar posições mais confortáveis para desenvolver suas atividades diárias e acima de tudo, disponibilizar mais tempo do seu dia para atividades de relaxamento, lazer e convívio com familiares, buscando assim, a diminuição dos sintomas de dores que referem. Para assim, não submeter-se ao uso de medicamentos ou ao consumo de bebidas alcoólicas para alívio dos sintomas.

A prática de automedicação foi notavelmente alta no estudo atual, que é um grande problema de saúde pública. Os resultados sugerem uma implementação cooperativa de regulamentos



farmacêuticos, particularmente com foco nos profissionais de saúde, com a promoção do uso racional de medicamentos, a conscientização para o uso seguro e eficaz de medicamentos.

Outrossim, os serviços necessitam disponibilizar condições e meios de atendimento profissionais para os sintomas referidos acima, a fim de minimizar o desenvolvimento de possíveis prejuízos relacionados ao trabalho em saúde e melhorar a qualidade laboral desses profissionais, visando assim, garantir saúde e bem estar ao trabalhador.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação; Prestadores de Cuidados de Saúde; Centros Hospitalares; Pandemia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao CNPq a oportunidade de ser bolsista de iniciação científica, a UNIJUÍ por possuir incentivos à pesquisa e também com a realização de eventos, como o Congresso Internacional em Saúde e aos Hospitais participantes do estudo.

REFERÊNCIAS

AJAB, Suad et al. Occupational Health of Frontline Healthcare Workers in the United Arab Emirates during the COVID-19 Pandemic: A Snapshot of Summer 2020. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 21, p. 11410, 2021.

BADARÓ, Ana Flávia Bovi; FONSECA, Tatiane Rodrigues; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos dos. Generalized anxiety disorder (GAD) and the Covid-19 pandemic: a cognitive behavioral approach. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 57729–57739, 2021.

BARROS-DELBEN, P. et al. Mental health in emergency situation: COVID-19. **Debates Psychiatry**, v. 2, p. 18-28, 2020.

BRANSI, Ahmad et al. Abhängigkeitserkrankungen bei Ärzten. **Der Nervenarzt**, v. 91, n. 1, 2020.



COSTA, Dalva Aparecida Marques da. Os desafios do profissional de enfermagem mediante a COVID-19. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 1, n. 30, p. 19–21, 2020.

CUNHA, Natália Costa Resende et al. Relação entre o ambiente laboral e problemas osteomusculares: um estudo com profissionais de enfermagem em um hospital escola.

Revista brasileira militar de ciências, v. 5, n. 12, 2019.

DANTAS, Eder Samuel Oliveira. Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021.

DOMINGOS, Rafaela Caroline et al. Prevention of musculoskeletal symptoms and injuries in health professionals during the COVID-19 pandemic: development and validation of a booklet. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 3, p. 9942–9956, 2022.

HUANG, C, et al. Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. **The Lancet**, v. 395, p. 497-506, 2020.

JANTARA, Romario Daniel et al. Isolamento social e solidão em estudantes de enfermagem no contexto da pandemia COVID-19. **Revista Enfermagem UERJ**, n. 30, p. e63609, 2022.

LOPES, Thiago Vaz et al. Avaliação comparativa de diferentes fatores desencadeantes de estresse em mulheres docentes de medicina em decorrência da nova rotina de trabalho pelo COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e375101522415–e375101522415, 2021.

LUZ, Emanuelli Mancio Ferreira da et al. Repercussões da Covid-19 na saúde mental dos trabalhadores de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 10, n. 0, 2020.

KOOB, George F.; SCHULKIN, Jay. Addiction and stress: An allostatic view. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 106, p. 245-262, 2019.

MARTÍNEZ-LÓPEZ, José Ángel et al. Psychological Impact of COVID-19 Emergency on Health Professionals: Burnout Incidence at the Most Critical Period in Spain. **Journal of clinical medicine**. v. 9,n. 9, p.3029, 2020.



MOURA, Maria Isabel Rebelo Lopes de; MARTINS, Maria Manuela Ferreira Pereira da Silva; RIBEIRO, Olga Maria Pimenta Lopes. Sintomatologia musculoesquelética dos enfermeiros no contexto hospitalar: contributo do enfermeiro de reabilitação. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 23, 2019.

OLINO, Luciana et al. Distúrbios psíquicos menores entre trabalhadores de enfermagem durante a pandemia: estudo multicêntrico. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, 2022.

OMOLASE, C. O. et al. Self medication amongst general outpatients in a Nigerian community hospital. **Annals of Ibadan postgraduate medicine**, v. 5, n. 2, p. 64-67, 2007.

PIMBLE, Christina. Therapeutic Effectiveness, Stress, and Burnout in Mental Health Professionals. Philadelphia College of Osteopathic Medicine; v. 375, 2016.

ROCHA, Roseany Patrícia da Silva et al. Características de profissionais de saúde acometidos por Covid-19: revisão integrativa da literatura. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 130, p. 871–884, 2021.

SANTOS, Roberto Airon Veras dos; RAPOSO, Maria Cristina Falcão; MELO, Renato de Souza. Prevalência e fatores associados à dor musculoesquelética em profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. **BrJP**, v. 4, p. 20–25, 2021.

SCHULTZ, Carmen Cristiane et al. Musculoskeletal pain and resilience in a nephrology unit nursing professional. **Brazilian Journal Of Pain**, v. 4, n. 4, 2021.

SHEN, Xin et al. Psychological stress of ICU nurses in the time of COVID-19. **Critical Care**, v. 24, p. 1-3, 2020.

SOUZA, Davilane Araújo da Luz; ANDRADE, Erci Gaspar da Silva. Qualidade de vida dos profissionais de enfermagem: fatores que influenciam a depressão no trabalho. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 1, n. 2, p. 57–66, 2018.

TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza et al. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 9, p. 3465–3474, 2020.



**10º CONGRESSO
INTERNACIONAL
EM SAÚDE**
CISaúde - 2023

**Empreendedorismo
e Inovação**

+16 a 19 de maio de 2023

VAYR, Flora et al. Barriers to seeking help for physicians with substance use disorder: a review. **Drug and alcohol dependence**, v. 199, p. 116-121, 2019.